

## AS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DE FRIEDRICH RATZEL PARA A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

*Friedrich Ratzel's methodological contributions to geographical science*

*Las contribuciones metodológicas de Friedrich Ratzel para la ciencia geográfica*

**Carlos Eugênio de FARIA** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) - Campus Caicó, Brasil. *ORCID ID:* <http://orcid.org/0000-0002-9965-7947>. *CURRICULUM LATTES:* <http://lattes.cnpq.br/7049386595227915>  
*EMAIL:* [carlos.faria@ifrn.edu.br](mailto:carlos.faria@ifrn.edu.br)

**Joabio Aleckson Cortez COSTA** – Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0001-6243-9754>. *CURRICULUM LATTES:* <http://lattes.cnpq.br/1593465783182565>  
*EMAIL:* [joabioalek@hotmail.com](mailto:joabioalek@hotmail.com)



### RESUMO

O prussiano Friedrich Ratzel (1844-1904) é um dos principais nomes da Geografia Clássica. Autor de obras como “Anthropogeographie” e “Politische Geographie”, elaborou um amplo corpo teórico e metodológico, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da ciência geográfica. Temas como as relações entre o homem e meio, o Estado, a sociedade e o território, além da formulação do princípio da extensão e do conceito de “Espaço Vital” e a proposição da abordagem holoceica são alguns dos seus principais contributos e objetos de discussão desse artigo. Conclui-se que as obras de Ratzel, a despeito das críticas a ele dirigidas, muitas das quais equivocadas e não condizentes com as suas ideias, contém reflexões bastante atuais e pertinentes aos estudos geográficos, de modo que o resgate de tais ideias é primordial para a compreensão da própria essência da geografia. Este artigo tem como objetivo desmistificar a visão determinista imposta ao geógrafo em questão e se apoia em um referencial teórico no qual vários autores contribuem para tal desmistificação. Utilizamos a leitura, a consulta bibliográfica, a hermenêutica e concluímos que a “pecha” de determinista radical imposta ao geógrafo Friedrich Ratzel é exagerada e eivada de falhas e equívocos.

**Palavras-chave:** Ratzel; Determinismo; Espaço Vital; Estado; Holoceica.

### ABSTRACT

The Prussian Friedrich Ratzel (1844-1904) is one of the leading names of Classical Geography. Author of books such as "Anthropogeographie" and "Politische Geographie", he developed a broad theoretical and methodological body, which contributed significantly to the development of geographic science. Themes such as the relationship between man and environment, the State, society and territory, as

Histórico do artigo

Recebido: 09 novembro, 2020

Aceito: 30 janeiro, 2021

Publicado: 25 fevereiro, 2021

well as the formulation of the principle of extension and the concept of "Living Space", and the proposition of the holistic approach are some of its main contributions and objects of discussion of this article. It is concluded that Ratzel's works contain quite current and pertinent reflections to the geographical studies, in spite of the criticisms addressed to him, many of which are mistaken and not in accordance with his ideas. Thus, their rescue is paramount for understanding the very essence of geography. This article has the objective of demystify the deterministic vision imposed to the geographer in question and supports itself in a theoretical reference in which a lot of authors contribute said demystification. We utilized reading, bibliographic consultation, hermeneutics and concluded that the characterization of geographer Friedrich Ratzel as a radical is exaggerated and imprecise.

**Keywords:** Ratzel; Determinism; Living Space; State; Hologeica.

### RESUMEN

El prussiano Friedrich Ratzel (1844-1904) es uno de los principales geógrafos de la Geografía Clásica. Autor de obras como "Anthropogeographie" y "Politische Geographie", elaboró un amplio cuerpo teórico y metodológico, que contribuyó significativamente al desarrollo de la ciencia geográfica. Temas como las relaciones entre el hombre y el medio, el Estado, la sociedad y el territorio, además de la formulación del principio de la extensión y del concepto de "Espacio Vital", y la proposición del enfoque hologeico son algunas de sus principales contribuciones y objetos de discusión de este artículo. Se concluye que las obras de Ratzel, a pesar de las críticas a él dirigidas, muchas de las cuales equivocadas y no concordantes con sus ideas, contienen reflexiones bastante actuales y pertinentes a los estudios geográficos, de modo que el rescate de ellas es primordial para la comprensión de la esencia misma de la geografía. Este artículo tiene como objetivo desmitificar la mirada determinista impuesta al geógrafo en cuestión y se basa en un marco teórico en el que varios autores contribuyen a tal desmitificación. Utilizamos la lectura, la consulta bibliográfica, la hermenéutica y concluimos que la "pecha" del determinista radical impuesto al geógrafo Friedrich Ratzel es exagerada y plagada de fallas y errores.

**Palabras-clave:** Ratzel; Determinismo; Espacio vital; Estado; Hologeica.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por objetivo discutir a importância do geógrafo alemão Frederich Ratzel, e, em especial, as suas contribuições metodológicas para a geografia. Essa ciência que se regulamentara como tal, na Alemanha do Século XIX, tem como um de seus expoentes o geógrafo prussiano que é o centro das discussões deste trabalho.

Na maior parte das obras que se referem à gênese da ciência geográfica, é notória a ideia de que tal ciência estava a serviço dos imperialismos, ora alemães, ora franceses e também ingleses, como nos aponta Capel (1981, p 173).

Esta preocupação oficial por los estudios de los países coloniales correspondía a una fuerte demanda social por parte de la burguesía para el conocimiento de dichos países, con vistas a los intercambios comerciales y la difusión de la producción industrial y la cultura europea. Como disse Ratzel, com referência a la utilidade de la ciência geográfica.

O autor, Horácio Capel, revela a natureza da geografia do Século XIX e suas conexões com a “revolução burguesa” na conformação dos territórios europeus de então, assim como nos processos de expansão territorial. Tais conexões apontam para as questões metodológicas acerca da ciência geográfica que se desenvolvia em consonância com a produção científica no contexto do velho continente.

Foram dois estudiosos alemães: Alexander Von Humboldt e Carl Ritter que instituíram o caráter científico à geografia. Outros como é o caso de Hettner propuseram que a ciência geográfica nascia da necessidade de explicar sistematicamente a relação entre os diferentes pontos da superfície terrestre, pois:

se não houvesse relações entre os distintos pontos da superfície terrestre e se os diferentes fenômenos situados em um mesmo lugar fossem independentes entre si, não seria necessária nenhuma concepção. O sistema das ciências e o lugar da geografia corológica. Porém a existência destas relações, que as ciências sistemáticas e históricas aludem ou apenas podem tratar, torna necessária uma ciência corológica especial da terra. Essa ciência é a geografia (HETTNER, 2000, pp. 145-146).

Assim, a partir desses elementos de análise, a geografia reserva o seu lugar como uma ciência corológica especial da terra, no sentido de suprir as lacunas referentes às explicações acerca dos fenômenos espaciais e suas interdependências. Até então, a geografia se constitui uma ciência que investiga fenômenos naturais e serve aos ideais de expansão e conquistas territoriais. Em anos ulteriores, Yves Lacoste (1976)<sup>1</sup> escreve um livro para tratar desse segundo aspecto acima mencionado.

Outros estudiosos ainda inferiram à geografia, vários títulos e várias conotações. É o caso de Peschel, Richthofen e Marthe, que delegaram à geografia o status de: ciência da superfície da terra, ciência do onde das coisas, entre outros.

Parece-nos, assim, que, até esse momento, a geografia carecia de uma construção metodológica mais segura e melhor sistematizada, pois ficara circunscrita às análises da natureza, do meio físico e da superfície da terra.

---

<sup>1</sup> Em março de 1976, Lacoste escreveu o livro “A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra”, título que, numa edição posterior, foi mudado pelo autor para “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. A mudança foi feita para evitar que os leitores pensassem que, na visão do autor, a geografia serve somente para a elaboração de estratégias militares, quando seu objetivo era apenas dizer que essa é a função mais antiga da geografia científica (Luis Lopes Diniz Filho. Fundamentos epistemológicos da geografia. Curitiba: IBPEX, 2009 (Metodologia do Ensino de História e Geografia, 6).

Após esses primeiros passos, a ciência geográfica segue em seu curso de “aprimoramento” como qualquer outra ciência será contemplada como novos paradigmas e novas formas metodológicas que têm intuito de contribuir com o quadro geral do conhecimento humano. E é nesse contexto que aparece as importantes contribuições de Frederich Ratzel. Seu trabalho como geógrafo foi, segundo Mendoza (2002), profundamente influenciado por Humboldt e, em especial por Carl Ritter. Para além dos fundadores da ciência geográfica, Peschel e um leque de outros autores geógrafos também tiveram grande influência em sua trajetória acerca da ciência geográfica.

Fora da geografia, Ratzel foi, segundo Moraes (1987), influenciado por dois grandes autores da filosofia, quais sejam: Kant e Herder. A geografia necessitava em grande monta da forma de como esses filósofos enxergavam o mundo para, inclusive, entender e explicar esse mundo. Assim, a obra e o pensamento ratzeliano terá como base fundamental essa tríade de autores (Ritter, Herder e Kant). Outra grande e não menos importante influência, na trajetória de Ratzel, vem da biologia com Charles Darwin e sua teoria evolucionista. É mister anotar que a primeira profissão de Ratzel foi a de zoólogo.

A filosofia kantiana e herderiana tiveram, assim, grande peso na formação epistêmica da geografia ratzeliana e, por que não dizer da geografia em si, já que Ratzel é considerado nome dos mais importantes na chamada geografia humana moderna.

Mas o que fez e ainda faz com que Ratzel figure, ou volte a figurar<sup>2</sup> com tamanho destaque na ciência geográfica? É ele que traz para o cerne desta ciência, segundo Carvalho, (1997), a noção de “humano”. Além de ser pioneiro em temas como geopolítica, totalidade, complexidade e sistema, em sua formulação geográfica, Ratzel dá ênfase ao homem, como afirma (ANDRADE, 2008). Aqui começam a aparecer os trilhos que mostrarão as importantes contribuições do geógrafo prussiano para uma metodologia na geografia, cujo assunto é cerne deste trabalho, do qual trataremos a seguir.

É perfeitamente perceptível a opção ratzeliana de método, aliás ele, (Ratzel), foi um dos responsáveis pela introdução do método positivista na chamada “geografia moderna”. Toda a contribuição metodológica à geografia advinda de Ratzel é positivista. Embora tenha adotado esse método, mais tarde, lança sobre ele algumas críticas importantes, pelos “não avanços” em busca de uma visão holística ou total. Trataremos

---

<sup>2</sup> Destacamos que Ratzel foi classificado como o pai do determinismo geográfico pelo historiador e discípulo de Vidal de La Blache, Lucien Febvre. O peso dessa acepção, assim como a ligação das obras ao expansionismo nazista, conduziu a obra ratzeliana a um relativo abandono após a II Guerra Mundial, voltando a ser valorizada a partir dos anos 1980, com a publicação de trabalhos de autores como Mark Bassin e Marcos Bernardino de Carvalho, que trouxeram reflexões mais aprofundadas dos escritos do autor.

desse termo mais adiante. Em linhas gerais, sua obra está, toda ela, pautada como assevera Ribas et al (2003, pp. 166-167):

[...] nos pressupostos metodológicos e filosóficos positivistas. Seu método estava centrado na indução: observação, descrição, comparação e classificação, compreendendo a antropogeografia como uma ciência comparada [...] A ciência geográfica, na acepção ratzeliana, é uma ciência empírica e de síntese.

Esses caminhos metodológicos revelam conceitos e temas que perfazem o conjunto da obra de Ratzel e nos serve no construto da geografia do presente, sempre com a preocupação, é claro, acerca das atualizações necessárias.

O naturalismo darwiniano influenciou o zoólogo Ratzel e teve grandes desdobramentos nas obras do geógrafo prussiano. Darwin e a sua teoria da evolução das espécies o entusiasmou e o inspirou em grande parte da sua construção metodológica, revelando-se em seus estudos acerca da evolução espacial e do Estado como um organismo, bem como nas suas análises sobre o “palco” onde se desenvolvia as relações homem-meio. Outras influências nesse campo do conhecimento vieram de Ernst Haeckel e Moritz Wagner. No crepúsculo de sua carreira, como analisa Martins (2001), quando se refere a uma coletânea de textos escritos sobre o geógrafo prussiano parece revelar-se:

um Ratzel reflexivo, ora inflamado, ora crítico [...] despojado da rigidez acadêmica, da preocupação da sistematização do pensamento geográfico enquanto disciplina, como em suas principais obras - *Anthropogeographie* e *Politische Geographie* -, aflora, nos *Kleine Schriften*, um Ratzel multifacetado, engajado politicamente, envolvido com questões filosóficas, artísticas e religiosas. Os artigos tratam desde a anatomia do *Enchytraeus vermiculares* a considerações sobre a fisionomia da Lua, glaciologia, etnografia, história, colonialismo na África, paisagens, panoramas, fotografia, escritos biográficos, geografia política, cidades, nacionalidades e raças (MARTINS 2001, s.p).

Vê-se, assim, a importância das grandes contribuições que Frederich Ratzel, em todas as fases de sua vida, traz para a ciência como um todo e, em especial, à ciência geográfica. Esse “Ratzel multifacetado” advém de sua participação no Círculo de Leipzig, onde também aprofundou de forma significativa seus conhecimentos filosóficos e se aproximou, como aponta Martins (Ibid), da obra de Leibniz, de quem recebeu grande influência na “fase madura” da sua produção científica.

Para a produção desse trabalho, nos utilizamos de um só procedimento metodológico, o da leitura de textos acerca da obra de Ratzel, como premissa para a compreensão da importância do mesmo no construto da ciência geográfica. São muitos textos escritos, mas poucos, os que nos remete a uma análise mais aprofundada. Percebemos que adentrar as teorias e conceitos elaborados por Frederich Ratzel é tarefa hercúlea, pois não está disponível, como em outros casos, um número significativo de obras esclarecedoras. Esta parece ser uma característica marcante, quando se busca entender alguns dos autores alemães.

Apesar desse contexto, percebemos que houve certo esforço no campo da produção geográfica, para que possamos entender, “em parte,” as grandes contribuições que Ratzel legou à geografia moderna. Para essa tarefa, como aponta uma gama de autores, faz-se necessário que entendamos o contexto de suas produções (as de Ratzel), para uma melhor compreensão de sua trajetória, na luta por uma ciência que se tornasse cada dia melhor, a despeito das críticas (e concordamos com algumas), como é o fato da “sua geografia” sendo assimilada e aproveitada pelo imperialismo alemão.

Este trabalho está dividido em uma introdução que aborda, genericamente, e depois, especificamente, a ciência geográfica e as contribuições de Ratzel; em um corpo (desenvolvimento) que trata de alguns pressupostos temáticos e conceituais que servem como metodologia para a geografia do presente; e uma conclusão onde os autores expõem as suas visões acerca do que foi pesquisado, mas também, coerente com o exposto, as análises (in)conclusivas acerca das contribuições metodológicas que Ratzel legou à ciência geográfica.

## **2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 O determinismo “não tão determinista” de Ratzel**

Como pode um geógrafo que “colocou” o homem como centro nos estudos geográficos ser tão fortemente e por tanto tempo classificado como determinista? Não terá havido certa negligência aos que assim o classificaram, a exemplo de Lucien Febvre, Ellen Churchill Semple e Elsworth Huntigton, a respeito da produção científica do período em que Ratzel construiu suas ideias e teorias, em especial a obra “Antropogeografia? Ou haveriam outras motivações?

No contexto em que Ratzel escreve suas obras geográficas, a Europa efervesce

em conflitos. Dentre tantos, destacamos a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) que significou a derrota francesa, portanto, o fim do Segundo Império Francês, a consolidação da unificação alemã, com Oto Von Bismarck e, conseqüentemente, a formação do Império Alemão.

Ratzel se alista no exército de seu país, participa desse conflito e, mais tarde, viaja para os Estados Unidos onde se aproxima da geografia, através de um estudo sobre migrações dos povos asiáticos (estudos sobre migração, difusionismo e extensão). Após essa temporada na América, Ratzel é convidado e reconduzido à sua Alemanha para uma cátedra na Universidade de Munique e, posteriormente, em Lipietz, dando continuidade às suas produções acerca da ciência geográfica. Segundo Arcassa (2017) é nessa conjuntura que:

A obra de Ratzel é por meio de vários pontos de vista, indissociável de seu contexto, a começar por seu ambiente intelectual. É influenciado por Humboldt e Ritter, bem como por seus mestres mais diretos, Oscar Peschel [...] e Ernst Haeckel [...], os quais contribuem com suas interpretações sobre a relação entre o território e o Estado e, principalmente, pelas teorias de Charles Darwin aplicadas à sociedade, o “darwinismo social” na linha de Jean-Baptiste de Lamarck [...] e Herbert Spencer [...] (ARCASSA, 2017, p. 104).

Dessa forma, seus discípulos ou detratores parecem não considerar essa faceta do estado de coisas que ocorria na política, na economia e na sociedade europeia daquela época. Mas nessa assertiva acima tratada, vê-se como, apesar de suas ideias terem uma inserção nessa marcha geopolítica e bélica de conquista pelos alemães, a ciência geográfica recebe do esforço intelectual de Ratzel outras pistas e outras perspectivas metodológicas, como, por exemplo, o conceito de geografia política.

Nas obras de Ratzel e em muitos dos autores e autoras que se dedicaram a estudar sua trajetória, ficam patentes as ideias favoráveis e contrárias ao aspecto determinista a ele imputado ou como assim o classificaram. Gomes (1996) é um dos que apresentam uma tese sobre o determinismo em Ratzel. Esse autor usa o termo “mito ratzeliano”. Segundo esse autor (Ibid), citando Shchafer e Peet, o determinismo faz com que a geografia entre na modernidade científica, ou ainda, a geografia se faz uma ciência moderna, a partir dessas ideias.

Esse conjunto de polêmicas por parte dos detratores e de análises nos originais da obra de Ratzel implicará, durante anos, um possível esquecimento, como já frisamos, de seus escritos e suas teorias e um recrudescimento de tais ideias. Carvalho (1997) discute

essa questão, chamando a atenção para as teorias agregadas dos discípulos e as fontes primárias de Ratzel, para dizer da confusão e dos desvios de ideias acerca da sua construção teórica. Em relação aos discípulos e suas teorias agregadas, diz Carvalho (Ibid) que esses equívocos são levados a cabo, “mesmo que para isso tivessem que lançar mão de expedientes como a edição de ideias, a descontextualização, o forjamento de divergências, etc.”

A verdadeira ideia ou assertiva a respeito do determinismo ou do método determinista pode-se ser entendido a partir de como:

em Ratzel, [...] a adaptação do homem ao ambiente é entendida sob a ótica da utilização de recursos naturais para a reprodução dos elementos materiais da cultura, o que muda completamente o sentido da interpretação. Esse autor entendia que o ambiente interfere no desenvolvimento de uma sociedade na medida em que pode oferecer melhor ou pior acesso aos recursos, atuando assim como estímulo ou obstáculo ao progresso. As leis que governam a história humana são produtos de um processo dinâmico e permanente de adaptação ao ambiente, e não um resultado direto da ação de fatores naturais, como o clima ou o relevo, sobre os homens. (FILHO, 2009, p. 61-62).

Esse é um dos caminhos metodológicos mais importantes presentes no legado de Ratzel para a geografia, pois tem forte sentido e impacto nas discussões atuais dessa ciência, como também de outras. Não se trata do efeito direto da primeira natureza sobre os humanos, mas de como estes se relacionam com maior ou menor intensidade na busca de produção e/ou reprodução de bens necessários à vida.

Essa discussão está em pauta, principalmente, após o advento da noção de que a “técnica” é elemento indispensável nas análises geográficas ou uma categoria de análise da geografia, como nos alerta Silveira (2010). Assim, Ratzel nos aponta uma base, apesar das polêmicas e discussões acerca dessa orientação metodológica, que mesmo forjada no contexto positivista da sua época, pode ser atualmente analisada e adaptada/atualizada e contribuir para a formação daqueles que se enveredam pelos caminhos tortuosos da labiríntica ciência geográfica, como também para a construção de trabalhos eminentemente geográficos.

## **2.2 A hologeica ou a totalidade? A Terra como um todo indivisível**

Os esforços empreendidos por estudiosos preocupados com as questões ligadas à epistemologia da ciência geográfica têm trazido, para o cerne das discussões, teorias,



conceitos e proposições metodológicas formuladas por geógrafos clássicos, que a despeito das críticas sofridas, empreenderam notáveis esforços no sentido de sistematizar a geografia e, assim, garantir-lhe o status de ciência, com objeto e um corpo teórico-metodológico próprios. Na realidade, mais do que uma “descoberta” dessas ideias, verifica-se uma tentativa de analisá-las considerando as influências filosóficas e científicas na formação desses autores e o contexto histórico em que viveram.

Nesse sentido, destacamos uma das mais relevantes contribuições metodológicas de Ratzel, que inserido em um contexto científico marcado pela fragmentação do conhecimento e a busca da delimitação rígida dos objetos de estudo das disciplinas, ousou defender uma abordagem integrada dos fenômenos naturais e humanos, no âmbito da Geografia. Tal fato é considerado irônico, posto que este autor foi considerado o “pai do Determinismo Geográfico”.

A essa abordagem, Ratzel denominou de “hologeica”, que até certo ponto podemos compreender como sendo próxima ao conceito de totalidade, muito defendido, a posteriori, por alguns filósofos, como, por exemplo, Martin Heidegger e por alguns geógrafos como, por exemplo, Milton Santos. Com isso, o autor pretendia não somente possibilitar uma compreensão mais ampla das relações que se estabeleciam entre os organismos vivos e a terra, mas também permitir uma aproximação entre as ciências.

Contudo, a crítica do geógrafo prussiano à tendência fragmentadora do conhecimento científico custou-lhe caro, sendo, à época e em tempo ulteriores, alvo de várias apreciações, sobretudo, de figuras como o sociólogo Émile Durkheim e o historiador Lucien Febvre, que advogavam a separação das ciências sociais face à particularidade dos seus objetos. Durkheim, inclusive, acusava Ratzel de tentar tomar para a Geografia, ou mais especificamente para a sua “Antropogeografia”, um campo do conhecimento que, segundo ele, era de propriedade da chamada “Morfologia Social”.

Lucien Febvre, por sua vez, procedeu uma divisão da Geografia da época em duas escolas distintas: a possibilista, cujo representante maior era o francês Vidal de La Blache, e, como já analisamos anteriormente, a determinista, criada por Ratzel. Febvre mostrou-se favorável a primeira, pois ela trazia em seu bojo uma definição de geografia “nítida, estrita e egoisticamente geográfica” (CARVALHO, 2004, p. 96). Entretanto, contrapondo-se às suas ideias defendidas no início do século XX, Febvre, já na segunda metade do século, trouxe um discurso mais aberto à flexibilização e às trocas disciplinares.

Em um trabalho sobre a abordagem da complexidade na geografia, Carvalho (2004) revela a contribuição de Ratzel ao trazer para o âmbito da ciência geográfica uma

perspectiva de análise integradora. Tomando as obras “Antropogeograpgie”, “Völkerkunder”, “Politische geographie” e “Die erde und das lebem”, o autor esclarece que em todas elas se evidencia a preocupação do cientista alemão em “[...] argumentar e demonstrar as conexões existentes entre todas as coisas presentes na Terra” (Ibid, p. 73). A conexão ou conexidade<sup>3</sup>, como sabemos, é um dos fundamentos da Geografia, sendo recorrente nas obras de Ratzel.

É em “Antropogeografia”, uma das obras mais relevantes e conhecidas dentre as produções acadêmicas da geografia alemã do século XIX, que Ratzel vai expor boa parte das ideias sobre as quais se debruçará ao longo da sua carreira. A conexão entre os organismos é realçada logo na introdução do livro a partir da apresentação do conceito de “complexo Terra,” que segundo Carvalho (2008, p. 74):

[...] é um conjunto de técnicas e ferramentas que permitem que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira os participantes poderão compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas possibilidades de planejamento e ação. O objetivo principal do DRP é apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação e, assim, fomentar um desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2006).

Para o DRP foram utilizadas oficinas de trabalho com os atores e técnicos locais. De acordo com Buarque (2008, p. 55), “as oficinas de trabalho constituem um valioso método de consulta estruturada à sociedade, organizando a construção coletiva na percepção da realidade e definição de prioridade”. Essas oficinas de trabalho têm como finalidade identificar, através da percepção dos técnicos e sujeitos sociais, as potencialidades e as problemáticas na agricultura familiar, e mobilizar as instituições atuantes na zona rural para que se integrem à proposta de estudo, mostrando a importância e a viabilidade de realizar uma pesquisa voltada para a sustentabilidade das famílias do campo, de modo que não fique, apenas, em aspectos produtivos.

O trabalho possui características da pesquisa de intervenção, já que, de acordo com Flick (2004), ela deve acontecer dentro do contexto pesquisado, contribuindo na solução de problemas, e acontece quando o pesquisado atua como mediador que articula, organiza encontros, sistematiza vozes e saberes produzidos pelos sujeitos da pesquisa,

---

<sup>3</sup> Princípio da conexidade ou interação apresentado por Jean Brunhes (1869-1930). Isto é, um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente. Ele sempre vai estar ligado (conectado) com outras disciplinas do conhecimento humano. É a análise geográfica que parte da relação entre determinadas áreas e momentos históricos específicos.

agindo num processo de escuta ativa. Ainda de acordo com o autor, a partir do momento em que o pesquisador entra no contexto onde se dá o estudo, as perguntas e as propostas dele já se constituem numa intervenção.

O DRP foi organizado e sistematizado de acordo com a matriz FOFA. Essa matriz é uma ferramenta de gestão muito utilizada no processo de planejamento estratégico empresarial e que de igual modo é utilizada para o processo de planejamento estratégico territorial, realizando as devidas adaptações metodológicas. De acordo com Buarque (2008, p. 133),

[...] funda-se na ideia da existência de conexões entre sistemas ou organismos dos mais diversos tipos. Tais conexões não se compreendem, tampouco se verificam, sem a consideração do componente espacial. Daí Ratzel considerar a necessidade de agregar, aos estudos da difusão da vida no planeta, a referência geográfica, e, dessa forma, compor uma ciência geral, já há algum tempo existente, a biogeografia, mas que, em rigor só se funda ou se completa, enquanto referência de totalidade, com a instituição de um de seus “ramos”: a antropogeografia.

Percebe-se no pensamento ratzeliano a influência da Ecologia de Haeckel, sobretudo, na sua concepção “orgânica da Terra” (ou biogeográfica), termo que concebe todos os elementos do planeta, orgânicos e inorgânicos, como um todo inseparável, unido com a história através de ações mútuas e contínuas. Por isso, Capel (1981, p. 283) afirma que para Ratzel, “A geografia é antes de tudo uma ecologia”. No entanto, ao contrário da Ecologia de Haeckel, cujo foco estava no estudo das complexas inter-relações estabelecidas entre os organismos vivos e o meio (orgânico e inorgânico) e eles próprios, o autor prussiano buscou compreender as dinâmicas humanas em relação com o meio, a natureza, mas imputando-lhes um maior grau de liberdade e de domínio em relação às dinâmicas da natureza, todavia, sem ignorar a unidade terrestre.

Essa forma de conceber as relações entre o homem e o meio era, na concepção ratzeliana, fundamental para entender a evolução da fisionomia planetária (CARVALHO, 2004, p. 75). Assim, o autor estava indo na contramão do discurso científico formulado séculos atrás que colocava como condição para a compreensão da vida orgânica a sua dissociação da terra. Como se vê, ele sempre reforça a necessidade de considerar e pensar o conjunto, sendo essa a essência da hologeica e o ponto de partida de qualquer prática investigativa.

Ainda na perspectiva hologeica, Ratzel destaca a relevância de se compreender a chamada “unidade telúrica da vida”. Na interpretação de Carvalho (Ibid, p. 85), isso

implicaria perceber as conexões estabelecidas entre os “três reinos do vivente”, mas também entre eles e a natureza inorgânica, pois para Ratzel, todos os elementos da Terra estariam fortemente conectados e coligados, de forma que “[...] apenas a riqueza dos desenvolvimentos singulares pode, por vezes, nos levar a descuidar do fato de que esta mútua dependência abrange, ao mesmo tempo, a substância e a força, o interno e o externo, a pedra e a vida”. (RATZEL, 1907 apud CARVALHO, 2004, p. 85).

Interessante destacar o papel do homem na obra ratzeliana, entendido sempre a partir do seu vínculo com a Terra e os próprios homens. Essa concepção, como se verá mais adiante, é patente quando o autor evidencia a íntima relação mantida pela sociedade com o solo, o qual é fundamental para o seu desenvolvimento. Ratzel apregoa a importância da “percepção unitária da humanidade” tendo em vista que entre os homens haveria processos e características comuns, tais como “razão, religião, linguagem, instrumentos de civilização...” (CARVALHO, 2004, p. 85).

Atento à crescente sofisticação das relações que as sociedades vinham estabelecendo com o meio físico, Ratzel defendeu a necessidade de se conceber novas formas de apreender e compreender essas interações, o que perpassaria necessariamente pela superação de abordagens isoladas, restritivas e especializadas. Entende-se, então, que isso implicaria em uma nova prática científica, assentada na cooperação entre as disciplinas voltadas para o estudo das dinâmicas da Terra e dos homens.

Obviamente, ao defender essa ideia, Ratzel tinha em mente reforçar a importância da visão holoceica para a geografia, que a diferenciaria das outras ciências por permitir uma compreensão mais ampla de fenômenos estudados também por elas. Por outro lado, seria uma alternativa à excessiva fragmentação que se verificava no campo científico, logo, a geografia poderia se beneficiar ao assegurar a sua coesão interna.

É válido destacar que a releitura das obras do geógrafo prussiano, além de resgatar a sua abordagem holoceica, revelou críticas feitas por ele ao método positivista e a própria geografia, apesar de ter vivido em um momento histórico em que a validade científica das disciplinas dependia da sua utilização. Essas críticas são bem resumidas por Cazarotto (2006, p. 6):

Até pouco tempo, a versão sobre o pensamento ratzeliano era a de um geógrafo de princípios positivistas e proponente de uma geografia descritiva. Entretanto, em versões mais recentes, constata-se sua crítica ao positivismo, sobretudo apontava as conseqüências de sua rigidez em não admitir desvios na linearidade e nas abordagens da evolução do conhecimento. Dizia que a história das ciências, (referindo-se ao caso da

Antropogeografia), não deveria compartilhar do mesmo esquema cronológico das ciências em geral. Também via os limites da ciência descritiva. Entendia que a descrição era fundamental, mas não o suficiente sem a análise.

Interessante notar que já naquela época, o autor colocava a necessidade de superar a descrição, procedimento usual entre os geógrafos ditos “tradicionais” e avançar em termos de análise, tal como foi defendido, posteriormente, pelos críticos da Geografia Tradicional, na qual ele se insere.

### 2.3 O Estado moderno e a geopolítica: a noção de território

Entre as grandes contribuições de Ratzel para a geografia estão as reflexões em torno das questões geopolíticas<sup>4</sup> e da geografia política, que foram amplamente desenvolvidas na sua grande obra “Politische Geographie”, lançada em 1897. Faz-se importante recordar que as ideias de Ratzel em torno das questões políticas (e geopolíticas) foram de tal forma distorcidas que muitos as associam até hoje ao projeto expansionista alemão levado a cabo pelo partido nazista, durante a II Guerra Mundial.

Ratzel, como sabemos, não vivenciou a ascensão do nazismo na Alemanha, mas sim o processo de unificação do Estado nacional alemão no final do século XIX, fato que teve repercussões importantes nas suas observações acerca da relação entre Estado, Sociedade e Território. De todo modo, as interpretações equivocadas – ou intencionalmente forjadas pelos seus críticos – conduziram ao ostracismo da geopolítica e da geografia política ratzeliana por várias décadas, sendo retomadas mais recentemente.

Apesar dos questionamentos feitos às formulações geopolíticas e da geografia política de Ratzel, não se pode negar a influência destas sobre muitos estudiosos que se dedicaram aos estudos das relações entre Estado e território – mesmo entre aqueles que avançaram em tais estudos, a partir das suas críticas ao pensamento ratzeliano, a exemplo do geógrafo francês, Camille Vallaux. Desse modo, cabe tecer algumas considerações sobre as ideias do autor prussiano a respeito desses dois temas.

A influência da Ecologia na formação de Ratzel é notória em “Politische Geographie”, especialmente, quando ele concebe o Estado como sendo um organismo –

---

<sup>4</sup> Apesar das bases da geopolítica terem sido lançadas por alguns teóricos, como Mahan e Haushofer, e geógrafos, a exemplo de Ratzel e Mckinder, foi somente a partir da publicação do artigo “As grandes potências” do jurista sueco Kudolf Kjellén, em 1905, que este ramo da geografia recebeu a denominação de Geopolítica (ALBUQUERQUE, 2011, p. 15)

termo tomado da Biogeografia -, mas não no sentido estritamente biológico, ao contrário, o autor contrapunha-se à concepção orgânica de Estado que considera apenas a dimensão econômica na apropriação do solo, ignorando a dimensão política subjacente a essa ação (CARVALHO, 2004).

Em outras palavras, é imprescindível considerar a interação entre os elementos geográficos, econômicos e políticos que resultam na construção do Estado. Concebido como uma forma de vida, ele apresentaria a tendência de se comportar (por analogia) conforme as leis que orientam os seres vivos no planeta, ou seja, “[...] nascer, avançar, recuar, estabelecer relações, declinar etc.” (COSTA, 2008, p. 35). Todavia, se na Biogeografia o solo era um condicionante das ações dos seres vivos, não se pode estabelecer essa mesma relação, em se tratando do Estado.

O Estado nasceria, segundo Ratzel, da coesão interna de um povo unido não apenas por laços familiares, culturais, linguísticos, etc. – características mais presentes nas sociedades tradicionais, marcadas pela divisão em famílias e clãs –, mas principalmente pelo interesse comum na defesa do território, uma vez que a sua luta seria guiada pelo desejo de protegê-lo e assegurar a sua integridade. Nesse sentido, Costa (2008) explica que o geógrafo prussiano defende a necessidade de implementar políticas territoriais, ou seja, voltadas para a garantia do domínio do espaço nacional e não necessariamente a conquista de novos espaços, ao lado de políticas gerais, que tomam o território como um espaço dado sobre o qual elas se desenvolverão, a exemplo das políticas de cunho econômico, cultural, entre outras. Nessa perspectiva, ele diferencia “conquista” de “colonização”, pois esta última supõe um processo de “valorização territorial”, ou seja, de integração econômica, política e estabelecimento de fronteiras (Ibid, 2008, p. 37-38).

Em um dos poucos artigos traduzidos para o português<sup>5</sup>, Ratzel traz apontamentos interessantes a respeito da relação entre o solo, a sociedade e o Estado. Primeiramente, o autor é categórico ao declarar que “o Estado não pode existir sem um solo”. Ratificando essa assertiva, mais adiante afirma que a existência de um grupo social, “como a tribo, a família, a comunidade”, assim como o seu desenvolvimento só são possíveis “sobre um solo” e, apenas em relação a ele, é que esse desenvolvimento pode ser compreendido. (RATZEL, 1983, p. 93). Desse modo, o povo e o solo estariam de tal forma vinculados que a perda territorial seria o prenúncio da decadência de um povo.

---

<sup>5</sup> Trata-se da tradução do artigo “Le Sol, la Société et l’État” publicado entre 1898 e 1899, em *L’Année Sociologique*, feita por Mário Antônio Eufrásio e publicado na *Revista de Geografia da Universidade de São Paulo - USP*, em 08 nov. 1993.

Contudo, alerta-nos Costa (2008, p.35), o solo não determina o desenvolvimento do Estado, na realidade, o aproveitamento dele e dos seus recursos depende principalmente da capacidade de transformação da nação ou do povo nele assentado, do que das condições físicas do espaço. Admitindo a íntima vinculação do Estado com o território, Ratzel formulou o conceito de “espaço vital”<sup>6</sup>, atentando para a necessidade do Estado em assegurar o domínio do solo de maneira a garantir a sobrevivência do próprio povo, tendo em mente o seu aparato tecnológico, o tamanho da população e os recursos naturais existentes. Destarte, o espaço vital derivaria da relação de equilíbrio entre a população e os recursos existentes, mediada pela técnica (MORAES, 1990, p. 23 apud ARAÚJO, 2016, p. 99).

Ressaltemos que a discussão sobre o espaço vital envolvia também uma preocupação com os limites das suas fronteiras, isso porque eles não são apenas marcos que delimitam o espaço, mas constituem locais de contato de grupos diferentes, logo, a ocorrência de conflitos é uma realidade possível.

Vale lembrar que a defesa da integridade do solo diante de intervenções externas é tarefa do Estado, e para isso concorrem não apenas a defesa das fronteiras, mas também o comércio – inclusive com outros povos – e o aproveitamento de todos os recursos existentes no solo. E ela será tão mais necessária, quanto maior for o crescimento territorial do Estado (RATZEL, 1983, p. 96).

Ratzel (Ibid) afirma que a maneira como a sociedade se relaciona com o solo influi diretamente na natureza do Estado, seja qual for a fase de evolução na qual se encontre. Apesar da extensão territorial ser importante para medir a potência de um Estado, outros aspectos são também relevantes, como o tamanho da população, a natureza das relações que ela sustenta com o solo e a estabilidade da instituição política. Além disso, a forma como este se encontra dividido interfere na constituição interna do Estado, sendo a sociedade mais homogênea e tendente à democracia em situações nas quais a divisão é mais igualitária e vice-versa.

Um ponto inovador do pensamento ratzeliano, nos estudos da geografia política, é a ênfase atribuída, para além dos fatores econômicos e políticos, ao fator espacial nas explicações acerca das relações entre o Estado e o seu território, estando a existência do primeiro atrelada à posse do segundo, bem como às suas fronteiras. Para garantir a dominação territorial, o Estado se valeria, principalmente, de um aparato bélico, alcançado

---

<sup>6</sup> Segundo Capel (1981), o conceito de espaço vital é central na abordagem geopolítica de Ratzel e transparece a influência darwinista e da Ecologia de Haeckel no pensamento do autor.

mediante o avanço da técnica.

Considerando essa primazia do fator espacial, Ratzel reconhece a importância inegável do solo na política, pois este condiciona a organização da sociedade, além disso o conhecimento físico do território, de suas potencialidades e entraves, leva à história política. Assim sendo, “A história nos mostra, de uma maneira muito mais penetrante que o historiador, a que ponto o solo é a base real da política. Uma política verdadeiramente prática tem sempre um ponto de partida na geografia” (Ibid 1983, p. 99). Por essa razão, o autor defende o diálogo entre a ciência política, a história e a geografia no tratamento de questões relacionadas à dimensão política e ao Estado.

Não perdendo de vista a abordagem holística e a unidade telúrica da vida, o autor mostra-se contrário às análises que associam mecanicamente as dinâmicas naturais e sociais, geralmente, subjugando as últimas às primeiras, ou em outro extremo, privilegiando apenas as determinações de ordem política e econômica.

Outro aspecto, o qual vale a pena realçar, é a utilização dos termos “solo” e “território” na obra de Ratzel, que parecem se confundir, como se fossem sinônimos, quando na verdade não o são. Souza (2011) esclarece que no pensamento ratzeliano, a territorialidade do Estado-Nação é tratada de uma forma “naturalizada”, ainda que ela seja permeada de “história, tradição e ideologia”. Nesse ínterim, as ideologias que permeiam as diversas classes componentes de uma sociedade são mascaradas por um pretenso sentimento de “amor à pátria”, a existência de uma “cultura nacional”, etc., e o reconhecimento de “um povo” se dá em relação ao “seu” Estado. Não obstante, Ratzel usualmente utiliza o termo “solo” (Boden) em vez de território (ou Territorium), pois sempre entende o território enquanto pertencente a um Estado, “[...] como se esse território fosse algo vazio sem referência aos atributos materiais, inclusive ou sobretudo naturais (dados pelo sítio e pela posição) que de fato são designados de modo mais direto pela expressão Boden” (Ibid, 2011, p. 86).

Ratzel também elaborou reflexões interessantes sobre o fenômeno da mobilidade no território, apesar de ter sido criticado pelos franceses nesse aspecto. O autor analisa a mobilidade conforme dois tipos diferentes de migrações, como nos aponta Costa (2008, p. 39), as “verdadeiras” e “as de fronteira”, sendo as primeiras mais comuns às sociedades primitivas, e as segundas aos organismos estatais mais consolidados, com fronteiras rigidamente delimitadas. A mobilidade de fronteira teria como resultado a guerra, pois implicaria o avanço sobre o território de outro Estado. Nesse contexto, o estabelecimento de redes de comunicação seria fundamental, pois serviria, sobretudo, para articular as



diversas partes do território, conforme os possíveis riscos de elas sofrerem invasões externas.

Considerando a preocupação de Ratzel com questões ligadas à unificação do Estado, em especial, da Alemanha, Costa (2008) explica que o geógrafo prussiano atentava para a necessidade das políticas e da gestão do território considerarem o processo de diferenciação política do organismo estatal-territorial, provocado geralmente por processos de dissociação. Isso conduziria à fragmentação interna dos organismos estatais-territoriais, ocasionando “[...] uma valorização política diferenciada das porções territoriais” (IBID, 2008, p. 40). Por isso, o Estado precisaria agir no sentido de promover uma rearticulação constante dessas partes, mediante a distribuição adequada dos meios de circulação e dos elementos de defesa. Portanto, a extensão não era tão relevante quanto “à articulação e a coesão do espaço político, ou organismo estatal-territorial”. (IBID, 2008, p. 40).

## 2.4 Extensão: princípio geográfico, fundamento ratzeliano

O princípio da extensão teria sido uma influência darwiniana na obra do Ratzel geógrafo? Parece não haver dúvidas, pois o referido princípio enxerga o espaço, o território ou a região como um complexo orgânico que precisa se expandir, tendo em vista que a partir da teoria da evolução do espaço<sup>7</sup>, Ratzel se convence que antes de qualquer tarefa acerca do entendimento do território, é necessário quantificá-lo cartograficamente, delimitá-lo, para daí utilizá-lo. Assim, Castro, Soares e Quaresma (2015, p. 44), auxilia-nos, quando traduz “o princípio da extensão (Ratzel), segundo o qual o estudo de um fato geográfico deve proceder à sua localização e delimitação”.

Seria a geografia humana moderna e atual, pobre em termos do princípio da extensão? No “avanço” que sofreu no século XX, teria a geografia radical negligenciado em tal princípio? Seria ainda o princípio da extensão, estudo específico da geografia que se diz “física”?

Parece-nos que o entendimento acerca do contexto e das contribuições legadas por Ratzel não foram e/ou são negligenciadas somente pelos seus discípulos. A extensão é a cartografia do objeto geográfico e de seus desdobramentos em conceitos. Ela serve ao território, à região, ao lugar e à paisagem. Mas serve a que época? Ainda serviria na atualidade? E a que geografia?

---

<sup>7</sup> Ratzel traz para a geografia a ideia darwinista da evolução das espécies e a aplica como “evolução espacial”.

Em um belíssimo texto intitulado, “O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial”, Silveira (2006) faz uma ótima análise daquilo que nos parece ser uma contenda entre a “**extensão**” e a “**existência**”, ou seria uma contenda entre a geografia clássica e a geografia contemporânea? A resposta é **não**. Apesar de todo o esforço por parte de alguns autores, como é o caso de Moraes (2003) em “Geografia: pequena história crítica”. A ciência geográfica não é, ou não deveria ser uma arena onde se digladiam as “partes cindidas”: a física e a humana; a tradicional e a crítico-radical; o passado e o presente. Vemos isso de forma solar no texto já referido de Silveira (2006), quando a autora faz, na verdade, uma atualização daquilo que Ratzel legou à ciência geográfica como princípio.

a extensão não é uma coisa dada, é historicamente produzida; há um processo histórico e lógico que dá como resultado a extensão. Mas poderíamos dar conta da extensão de formas diferentes, por exemplo, pensando nas variáveis determinantes do período. Podemos, a partir daqui preocupar-nos sobretudo com o espaço de redes. Em outros termos olhamos para a extensão historicamente produzida e tentamos descobrir essa lógica e essa história da produção a partir das variáveis determinantes (SILVEIRA 2006, pp. 89-90).

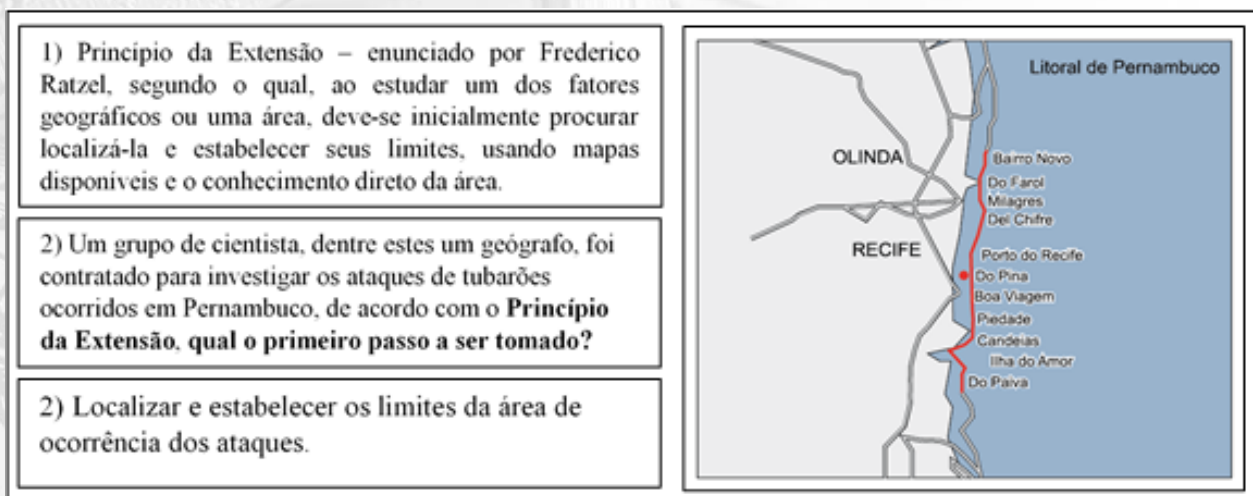
Parece impossível deletar ou desprezar por completo, da ciência geográfica, o referido princípio, que está entre as grandes contribuições legadas pelo geógrafo prussiano. A ciência geográfica não se dá só de sucessões e correntes que se sobrepuseram às demais e anteriores, mas em uma coexistência de pensamentos, teorias e temporalidades que se atualizam para analisar o “novo”. Eis mais um legado metodológico deixado por Ratzel. Percebemos, assim, que a extensão, como princípio, não se esvai, ao contrário, requer atualizações e ainda precisa estar no centro dos debates acerca da episteme geográfica.

Poderíamos ainda nos remeter a mais um conceito que nos parece ser uma atualização da ideia de extensão e que têm se apresentado de forma mais complexa e parece também se originar a partir do fundamento “ratzeliano”. Estamos falando do que Silveira (1999) chama de situação geográfica. Claro que não se apresentam como sinônimas, mas como correlatas e complementares. A própria autora neste texto, intitulado: Uma situação geográfica: do método à metodologia, deixa em suspenso a seguinte questão: “será mesmo que uma situação pode ser definida como um conjunto de eventos, um sistema de eventos? Será ela o rebatimento sobre o espaço daquilo que a geografia tradicional considera como “escalas”? [...] A questão resta aberta” (SILVEIRA, 1999, p. 25).

Ratzel e o princípio da extensão sequer são mencionados no texto acima citado, mas a nossa análise é que, fica claro, a relação que ora trazemos à baila. A situação geográfica é um conceito aperfeiçoado, uma exigência do período atual, que tem intensa conexão com a ideia de extensão, apesar de avançar em sua complexidade. Assim, Ratzel continua a contribuir decisivamente para a metodologia na geografia, mesmo que suas ideias ainda continuem gerando desconfiança para um conjunto de autores.

Por fim, faz-se mister também colocar a importância desse princípio para os trabalhos desenvolvidos na ciência geográfica do presente em todos os âmbitos, embora o vejamos com maior presença nos trabalhos da chamada “geografia física”, termo o qual abandonamos, mas reconhecemos está no contexto da dualidade, como aponta Gomes (1996), plantada no seio da ciência geográfica. Observemos quão importante é o princípio da extensão em um exemplo que “recortamos” de um trabalho realizado por professores da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (ver figura 01).

**Figura – 01:** Demonstração contextualizada do Princípio da Extensão de Ratzel



**Fonte:** SEE-PE, redesenhado a partir de imagem de Autor Desconhecido. Organizado pelos autores (2019).

Diante do exposto, a importância da cartografia, da escala, dos limites e da compreensão dos fenômenos a partir destes elementos, como podemos perceber, não servem somente a esta ou àquela geografia. Evidentemente, as técnicas de como fazer, alguns conceitos já discutidos, nesse trabalho, tiveram nos últimos tempos e, em especial, no período atual, avanços e tintas fortes de complexificação, mas em voga, ainda está o princípio, o pioneirismo do geógrafo prussiano, Frederich Ratzel.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim e ao cabo e após análises de várias obras, como num esforço hermenêutico acerca da produção elaborada por Ratzel, garimpando todas aquelas informações que realçam as contribuições do geógrafo, em tela, para a metodologia na geografia, destacamos a importância de, para além de análises e sucessões simplórias, enxergarmos as coexistências e atualizações de teorias, temas e conceitos que são basilares para a ciência geográfica.

Do positivismo clássico à humanização da geografia moderna, Ratzel produziu um alicerce importante para os avanços que viriam a posteriori no construto desta ciência como ela é hoje. O território, a política (geopolítica), o espaço vital, a hologeica, dentre outras, conformam o edifício teórico ratzeliano que legou à geografia e aos geógrafos da contemporaneidade caminhos metodológicos incontornáveis quando da análise espacial e da totalidade.

Dentre as suas grandes contribuições, destacamos a abordagem hologeica que, em nossa análise, permanece bastante atual e necessária no âmbito dos estudos geográficos, primeiro porque seria uma forma de romper com a tão discutida dualidade entre Geografia Humana e Geografia Física, que limita consideravelmente a produção de conhecimentos no âmbito da ciência, bem como a capacidade de compreensão por parte dos geógrafos acerca dos fenômenos manifestados no espaço.

Por outro lado, o diálogo, com outras ciências, apregoado por Ratzel também se mostra fecundo e promissor, pois diante da crescente complexidade e da totalidade que é o mundo, a geografia não consegue sozinha dar respostas satisfatórias aos problemas que se colocam na sociedade e cujas soluções em muitos casos não são dadas completamente por uma única ciência. Haveria então uma aproximação da Geografia com a teoria da Complexidade, nos moldes propostos por filósofos como Edgar Morin e com as ideias de totalidade, tão bem analisadas pelo geógrafo Milton Santos.

A ênfase no Homem nos estudos geográficos, tal qual aparece na produção ratzeliana, é também um aspecto basilar para a geografia na contemporaneidade, em especial, no âmbito da chamada “geografia física”. Sem o homem, o espaço como concebemos não existe. Portanto, todo estudo que se pretenda ser geográfico precisa considerá-lo, tanto na sua relação com o meio natural, como com a sociedade. Aliás, é preocupante a desconsideração da influência dos elementos naturais na ação humana por parte de muitos geógrafos que se ocupam de questões tradicionalmente abordadas pela

geografia humana.

Infelizmente, as críticas dirigidas aos geógrafos clássicos, cujos estudos focalizavam as relações entre o homem e o meio, parecem ter relegado à natureza um papel muito inferior nas análises geográficas, justamente como forma de se opor ou se mostrar superior à geografia produzida naquele período.

Em termos conceituais, Ratzel avançou muito na compreensão do território (que na sua obra aparece associado à ideia de solo), tomando-o como um elemento constituinte do Estado e reconhecendo a sua importância na estruturação e no funcionamento do poder político, bem como na organização da sociedade. Por isso, suas proposições ainda são visíveis nos estudos políticos e geopolíticos, claro que com as devidas atualizações e ponderações. Não se trata de minimizar a condição de determinismo colocada pelo geógrafo em tela, nem tampouco, agora, enxergá-lo comungando as ideias possibilistas, mas conferi a ele, Ratzel, uma defesa de um determinismo que, de fato, existe, mas não como dependência total da natureza primeira.

Para concluir, pode-se afirmar que as contribuições de Ratzel para a ciência geográfica superam em muitos aspectos as críticas dirigidas às suas obras – no entanto, não negamos a validade de algumas destas críticas, pois há sim equívocos e contradições dignos de contestações e revisões em suas produções – Mas o resgate e a análise cuidadosa, feita com o necessário rigor científico, vem revelando outras facetas do pensamento ratzeliano ignoradas ou pouco compreendidas pelos críticos e que nos ajudam a compreender a própria essência do conhecimento geográfico.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, K. de F. "Geografia Política de Friedrich Ratzel: o *espaço vital* e a elaboração do estado" In: **VI Encontro Nacional da Anpege**, 2005, Fortaleza. Anais de resumo. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005. p. 120-121.

ARCASSA, W. de S. Friedrich Ratzel: a importância de um clássico. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 98-115, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/issue/view/1396>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ALBUQUERQUE, E. S. de. **Uma breve história da Geopolítica**. Rio de Janeiro: CENEGRI – Centro de Estudos em Geopolítica e Relações internacionais, 2011. 98p.

CAPEL, H. "El Positivismo y la Geografía". In: CAPEL, Horácio. **Filosofía y Ciencia em la Geografía Contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981. p. 267-311.

CAPEL, H. Sociedades Geográficas, Geografia e Imperialismo. In: CAPEL, Horácio. **Filosofía y Ciencia em la Geografia Contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981. p. 173-206.

CARVALHO, M. B. de. Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844-1904). **Biblio 3w**: revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales, Barcelona, v. 2, 1997. Disponível em: <<https://revistes.ub.edu/index.php/b3w/article/view/25019/26132>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

CARVALHO, M. B. de. Geografia e complexidade. In: DANTAS DA SILVA, Aldo; GALENO, Alex (Orgs.). **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 67-125.

CASTRO, C. J. N.; SOARES, D. A. S.; QUARESMA, M. J. N. Cartografia e ensino de geografia: o uso de mapas temáticos e o processo de ensino-aprendizagem na educação básica. **Boletim amazônico de geografia**, Belém (PA), v. 2, n. 3, p. 41-57, jan/jun. 2015. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/291423507>>. Acesso em: 15 set. 2019.

CAZAROTTO, R. T. Leituras de Friedrich Ratzel na produção geográfica brasileira contemporânea. **Boletim gaúcho de geografia**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 94-100, out. 2006. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37486/24232>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

COSTA, W. M. da C. **Política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FILHO, L. L. D. **Fundamentos epistemológicos da geografia**. 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2009 (Metodologia do Ensino de História e Geografia, 6), p. 61-62.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HETTNER, A. O sistema das ciências e o lugar da Geografia. **Revista Geographia**, Niterói, v. 2, n. 3, p. 143-146, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13380/8580>>. Acesso em: 20 jun. 2019

MARTINS, L. de L. Friedrich Ratzel hoje: a alteridade de uma geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 105-113, jul/set. 1992. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1992\\_v54\\_n3.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1992_v54_n3.pdf)>. Acesso em: 03 dez. 2019.

MARTINS, L. de L. Friedrich Ratzel. **Revista Geographia**, Niterói. v.3, n.5, p.89-91, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/issue/view/822>>. Acesso em: 22 out. 2019.

MENDOZA, J. G.; JIMÉNEZ, J. M.; CANTERO, N. O. **El pensamiento geográfico**. Alianza Editorial: Madrid, 2002.

MORAES, A. C. R. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2003.

RATZEL, F. O solo, a sociedade e o estado. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 2, p. 93-101, 1983. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47081>>. Acesso em 20 nov. 2019.

RIBAS, A.; SPOSITO, E. S.; CANDIOTTO, M. A. S.; SANTOS, R. A. dos. Considerações sobre a geografia e o conceito de território em Friedrich Ratzel. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 5, n. 1, p. 159-174, 2003. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7688>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SILVEIRA, M. L. Espaço geográfico e fenômeno técnico: por um debate substantivo. In: BOMFIM, P. R. A.; SOUSA NETO, M. F. (Orgs.). **Geografia e Pensamento Geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 123-139.

SILVEIRA, M. L. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73991>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista território**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 21-28, 1999. Disponível em: <[http://www.laget.eco.br/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=6](http://www.laget.eco.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=6)>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 77-113.

SOUZA, M. D. de. A Filosofia na antropogeografia de Friedrich Ratzel. **Caderno de geografia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 155-168, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/6466>>. Acesso em: 09 dez. 2019

\*\*\*